

DA DIALETOLOGIA GERAL À DIALETOLOGIA CONTATUAL

FROM GENERAL DIALECTOLOGY TO CONTACTUAL DIALECTOLOGY

Romário Duarte Sanches | [Lattes](#) | romariodsanches@gmail.com

Universidade do Estado do Amapá

Resumo: Este artigo busca apresentar a ideia de uma Dialetoologia Geral e suas ramificações, sobretudo da Dialetoologia Contatual aplicada no Brasil. Para embasamento teórico, têm-se as discussões de Preston (1989), Menéndez (1990), Chambers e Trudgill (1994), Fisiak (1995), Thun e Altenhofen (2016), Heeringa e Prokić (2018), entre outros. Por meio do levantamento bibliográfico, constatou-se que a Dialetoologia tradicional do século XIX adquiriu novos modelos para investigar a variação linguística. Hoje é possível falar em uma Dialetoologia Geral (DG) que engloba várias vertentes, isto é, dentro do escopo da DG pode-se mencionar a Dialetoologia Medieval/Filológica, a Dialetoologia Estrutural, a Dialetoologia Gerativa, a Dialetoologia Social, a Dialetoologia Perceptual, a Dialetoologia Contatual e a Dialetoologia Computacional. No Brasil, com base nos trabalhos geolinguísticos desenvolvidos nos últimos 20 anos, a Dialetoologia Social é a mais aplicada; no entanto, percebe-se o aumento gradativo de pesquisas voltadas para a Dialetoologia Contatual, sustentadas pelo modelo de Dialetoologia Pluridimensional e Relacional.

Palavras-chave: Dialetoologia Geral; Dialetoologia Contatual; Variação linguística.

Abstract: This article seeks to present the idea of a General Dialectology and its ramifications, especially of Contactual Dialectology applied in Brazil. For the theoretical basis of the work, there are discussions by Preston (1989), Menéndez (1990), Chambers and Trudgill (1994), Fisiak (1995), Thun and Altenhofen (2016), Heeringa and Prokić (2018), etc. Through a bibliographic survey, it was found that traditional Dialectology 19th century acquired new models to investigate linguistic variation. Today it is possible to speak of a General Dialectology (DG) that encompasses several aspects, i.e., within the scope of the DG one can mention a Medieval/Philological Dialectology, Structural Dialectology, Generative Dialectology, Social Dialectology, Perceptual Dialectology, Contactual Dialectology and Computational Dialectology. In Brazil, based on the geolinguistic works developed in the last 20 years, Social Dialectology is the most applied; however, there is a gradual increase in research aimed at Contactual Dialectology, supported by the Multidimensional and Relational Dialectology model.

Keywords: General Dialectology; Contactual Dialectology; Linguistic variation.

1 Introdução

Desde o surgimento da Dialetologia, no século XIX, observa-se no cenário epistemológico das ciências da linguagem o surgimento de múltiplas formas para investigar a diversidade de línguas e variedades. Com isso, o escopo de estudo da Dialetologia foi ampliado, sobretudo depois que dialetólogos começaram a utilizar o método geolinguístico¹ em suas pesquisas.

O estabelecimento da Linguística enquanto ciência, no século XX, foi um grande marco para o campo da Dialetologia, uma vez que as teorias, hipóteses e modelos metodológicos pensados para a Linguística foram aos poucos sendo incorporados e testados pela Dialetologia.

Essa inter-relação epistemológica da Dialetologia com a Linguística, e consequentemente com outras ciências (História, Antropologia, Ciências Sociais, Geografia, Ciências da Computação, etc.), foi favorável ao surgimento de ramificações da Dialetologia tradicional, impulsionando o surgimento das Dialetologias Filológica/Medieval, Estrutural, Gerativa, Social, Perceptual, Contatual e Computacional. Essas vertentes, fundadas a partir dos desdobramentos teóricos e metodológicos da Dialetologia tradicional, têm possibilitado pensar numa Dialetologia² de âmbito geral e, a partir dela, refletir a projeção de suas vertentes.

No Brasil, a Dialetologia, até meados da década de 1980, foi majoritariamente de cunho tradicional ou monodimensional. Com o início da década de 1990, pesquisadores vinculados ao *Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*, começaram a assumir o caráter social dos dados geolinguísticos, influenciados pelas bases da Sociolinguística e pelas contribuições dos dialetólogos alemães Harald Thun e Edgar Radtke, com a postulação da Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Esse modelo foi fundamental para o estabelecimento de pesquisas no âmbito da chamada Dialetologia Contatual, favorecendo o desenvolvimento de estudos geolinguísticos em áreas brasileiras de fronteira, em comunidades de (i)migrantes e em comunidades tradicionais.

A partir disso, este estudo busca apresentar a ideia de uma Dialetologia Geral e suas ramificações, sobretudo da Dialetologia Contatual aplicada no Brasil. O artigo encontra-

¹ Segundo Coseriu (1987, p. 79), é um método dialetológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados.

² Atualmente, Dialetologia é entendida como um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica (CARDOSO, 2010).

-se dividido em cinco seções: (i) introdução, (ii) rumos da Dialectologia no Brasil, (iii) a Dialectologia Geral, (iv) a Dialectologia Contatual no Brasil e (v) considerações finais.

2 Rumos da dialectologia no brasil

Até a segunda metade do século XX, falava-se no Brasil em uma Dialectologia portuguesa ligada à linguística românica, como apresenta Castilho (1972/1973). O autor comenta a respeito de estudos realizados na área rural e urbana, situando diversos trabalhos publicados à época.

Nascentes (1952) foi o primeiro a propor uma divisão dos estudos dialetais no Brasil. Ele buscou dividir em duas fases: a primeira, de 1826, com o trabalho de Borges de Barros publicado no livro de Adrian Balbi, até 1920 (ano de publicação do livro *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral); e a segunda, de 1920 até meados de 1950.

Na década de 1990 a divisão de Nascente (1952) foi ampliada por Ferreira e Cardoso (1994) e, posteriormente, complementada por Mota e Cardoso (2006; 2013). Esta última proposta não difere tanto das divisões que foram sugeridas em 1994. Nesse novo panorama, apresentado por Mota e Cardoso (2006; 2013), há quatro fases que descrevem a história dos estudos dialetais no contexto brasileiro. A primeira fase corresponde ao período de 1826 a 1920; a segunda vai de 1921 a 1952; a terceira segue de 1963 a 1996; e a última e quarta fase inicia em 1996 e segue até os dias atuais³.

Sobre a divisão de estudos de caráter geolinguístico no Brasil, ratifica-se a proposta de Romano (2013), que sugere a organização desses estudos a partir de dois momentos: os realizados antes e depois do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB.

De acordo com Romano (2013), o primeiro momento corresponde a trabalhos caracterizados pela elaboração de atlas linguísticos estaduais. O autor destaca que não há uma uniformidade metodológica empregada nesses atlas. Um dos primeiros atlas produzido no Brasil foi o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI et al., 1963); seguido do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (ZÁGARI et al., 1977); *Atlas Linguístico da Paraíba* (ARAGÃO; MENEZES, 1984); *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (KOCH et al., 2002a; 2002b; ALTEFNHOFEN et al., 2011); *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA et al., 1987); e o *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994).

O segundo momento corresponde aos trabalhos desenvolvidos a partir dos postulados metodológicos do ALiB, que se estende do ano de 1996 até os dias atuais. Esses trabalhos são caracterizados pela abordagem moderna da variação e pelo incentivo à

³ É importante lembrar que as propostas aqui suscitadas não fazem distinção entre os trabalhos de natureza dialetal e os trabalhos de natureza geolinguística (que trazem, em sua essência, mapas/cartas linguísticas).

criação de projetos de atlas linguísticos orientados pelos diretores científicos do ALiB. Nesse projeto, estão inseridos o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (RAZKY, 2004); *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (OLIVEIRA et al., 2007); *Atlas Linguístico do Amazonas* (CRUZ, 2004); *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro* (ALMEIDA, 2008); *Atlas Linguístico de Pernambuco* (SÁ, 2013); *Atlas Linguístico de Goiás* (MILANI et al., 2015); o *Atlas Linguístico do Amapá* (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017); o *Atlas etnolinguístico do Acre* (KARLBERG, 2018), dentre outros que se encontram em andamento.

Com base nesse panorama, destaca-se a presença do ALiB, que desde o ano de 1996 tem contribuído com a formação de novos pesquisadores na área da Dialetologia, trazendo um vasto campo de conhecimento científico sobre o Português Brasileiro em seus diversos níveis: lexical, semântico, fonológico, fonético, morfológico, sintático, discursivo e pragmático.

É evidente que todos os trabalhos apresentados aqui, sob os respectivos momentos da geolinguística brasileira, são dotados de uma uniformidade que inclui a aplicação do método geolinguístico, a elaboração de mapas linguísticos e a realização de atlas linguísticos.

Os trabalhos desenvolvidos na área da Dialetologia são inúmeros, em sua maioria orientados pelos diretores científicos do Projeto ALiB. É possível encontrá-los nos repositórios institucionais na forma de monografias, artigos científicos, dissertações e teses, bem como em livrarias, em formato de atlas linguísticos, como já explicitado anteriormente (cf. PAIM, 2012; MOTA, 2015).

Vale ressaltar que não se trata apenas de estudos voltados à variação linguística, mas sim de trabalhos que buscam explicar e interpretar os fenômenos linguísticos com base em outras teorias e/ou métodos científicos. Dessa forma, considera-se relevante o grande acervo intelectual de obras publicadas no âmbito da Dialetologia, associadas à Linguística e a outras ciências em geral.

Esse cenário permite afirmar que a Dialetologia não pode ser concebida como uma área autônoma, que independa de outros campos de conhecimento. Ao contrário, a Dialetologia tornou-se tão interdisciplinar quanto a Linguística, tendo em vista que, ao longo de sua história, tem desenvolvido algumas vertentes, sendo possível falar em uma Dialetologia Geral e suas ramificações: Dialetologia Estrutural, Dialetologia Gerativa, Dialetologia Social, Dialetologia Perceptual e Dialetologia Contatual.

3 A dialetologia geral

Nesta seção, será apresentada a ideia de uma Dialetologia Geral⁴ como desdobramento dos avanços teóricos e metodológicos da Dialetologia tradicional. Atualmente, a Dialetologia é considerada uma ciência geral da variação linguística (RADTKE; THUN, 1996; THUN, 1998) e, como tal, tem desenvolvido vertentes ou linhas de investigação com o propósito de suprir as lacunas deixadas pela Dialetologia do século XIX.

Fisiak (1995), por exemplo, toma como ponto de partida a Dialetologia tradicional, mas com aprimoramentos metodológicos da Dialetologia histórica e da Linguística histórica, o que ele denomina de Dialetologia Medieval. Chambers e Trudgill (1994) apresentam três vertentes da Dialetologia tradicional: a Estrutural, a Gerativa e a Social. Preston (1989; 1999; 2002), por sua vez, torna-se o principal nome da chamada Dialetologia Perceptual. Altenhofen e Thun (2016) mencionam uma Dialetologia Contatual, com base no modelo de Dialetologia Pluridimensional e Relacional. E, de modo recente, Heeringa e Prokić (2018) mencionam uma Dialetologia Computacional.

O termo Dialetologia Medieval apareceu de forma enfática dando título ao livro organizado por Fisiak (1995), que reúne uma coletânea de estudos apresentados no *X Congresso Internacional de Linguística Histórica*, que ocorreu em Amsterdam, Holanda, em 1991. Veny (1993) ressalta que a formação dessa subárea foi influenciada pela Dialetologia Filológica. Essas duas ramificações serão consideradas aqui como sinônimas, uma vez que ambas buscam investigar os dialetos medievais em textos escritos antes do século XIX e também porque se apoiam no método da linguística histórica e da dialetologia histórica. Para Laing e Lass (2020), os falantes nativos de uma língua antiga são, em sua maioria, escritores e *copistas*⁵. Assim, para um estudo histórico da língua medieval, o texto escrito substitui os informantes vivos de uma pesquisa dialetal moderna.

Em suma, essa vertente pode ser caracterizada da seguinte maneira: (i) trabalha-se com a língua escrita e não com a língua falada; (ii) os dados são limitados à quantidade de textos escritos antigos; (iii) o conhecimento das informações pessoais do informante/produtor de texto também é limitado, já que, por vezes, os escritos medievais são de pessoas anônimas; e (iv) os informantes/produtores, em sua maioria, eram escolarizados por pessoas do sexo masculino, atrelados à igreja.

No que concerne à Dialetologia Estrutural, Chambers e Trudgil (1994, p. 62) afirmam que essa perspectiva foi influenciada pela linguística moderna, que apontava cons-

⁴ Entende-se por “Geral” a Dialetologia tradicional que serviu e serve de ancoragem para novas perspectivas no âmbito da pesquisa dialetológica.

⁵ *Copying scribes*.

tantes críticas à Dialetoologia tradicional, tratando da forma linguística como prática isolada, ao invés de pensá-la como parte do sistema ou da estrutura da língua. Menéndez (1990) aponta o texto de Trubetzkoy (1931) como um dos primeiros estudiosos a esboçar a aplicação do método estrutural à Dialetoologia, responsável também por propor estudo sobre a pronúncia de palavras e de fonemas iguais com a finalidade de estabelecer diferenças etimológicas, verificando as divergências fonológicas entre variedades linguísticas. O termo Dialetoologia Estrutural foi empregado pela primeira vez no artigo intitulado “*Is a Structural Dialectology Possible?*”⁶, de Uriel Weinreich (1954).

Na tentativa de resolver as limitações da Dialetoologia Estrutural, surge uma nova perspectiva, a chamada Dialetoologia Gerativa. Esta se mostrou como uma alternativa viável, aplicando conceitos e construtos da fonologia gerativa à descrição e comparação de dialetos diferentes. Chambers e Trudgil (1994, p. 71) consideram que a fonologia gerativa parte da aproximação de níveis da fonologia, postulando a existência de “formas subjacentes, que são as formas fonológicas e que estão listadas nas unidades lexicais” e “regras fonológicas que transformam estas pronúncias reais”.

Em síntese, a Dialetoologia Gerativa constitui-se a partir da contribuição da fonologia gerativa, buscando tratar diferenças entre os dialetos, bem como alternâncias fonológicas e morfológicas.

A Dialetoologia Social⁷ surgiu, assim como as demais perspectivas, diante dos novos rumos da linguística moderna. Na medida em que a Dialetoologia tradicional recebia contribuições do pensamento funcionalista, influenciado também pelas Ciências Sociais, os dialetólogos começaram a perceber que a dimensão espacial da variação linguística estava sendo excessivamente estudada, falando-se pouco sobre a dimensão social. Os primeiros estudos publicados sobre os dialetos urbanos, baseados na Dialetoologia tradicional, em sua maioria, excluíam a dimensão social e selecionavam apenas os informantes que estavam acessíveis, como constam nas obras de De Camp (1958), Sivertsen (1960) e Viereck (1966).

García de Diego (1978 [1926]) pode ser considerado o primeiro estudioso a utilizar o termo “dialeto social”. Ele compreendia que a língua era composta por uma gama de dialetos complexos e geográficos, mutuamente influenciáveis, o que indicaria a superposição desses dialetos. Vale ressaltar que há outras nomenclaturas, as quais fazem parte da Dialetoologia Social: a Geossociolinguística (RAZKY, 2004; 2010), a Geolinguística pluridimensional (CARDOSO, 2010) e Sociogeolinguística⁸ (SANTOS; CRISTIANINI, 2012).

⁶ “É possível uma Dialetoologia Estrutural?” (tradução livre minha).

⁷ Também é conhecida por “Dialetoologia urbana ou diastrática”.

⁸ Santos e Cristianini (2012) buscam a interface da Geolinguística com outras áreas do saber linguístico, como a Sociolinguística e a Análise do discurso.

A Dialetoлогия Perceptual surgiu durante a realização de um simpósio, no ano de 1944. Na ocasião, Antonius Weijnen apresentou um modelo para o estudo das percepções dialetais, conhecido como *Pfeilchenmethode*⁹. Esse modelo passou pelo aprimoramento e ampliação de seu objeto de estudo. Segundo Ferreira (2009), em 1955, W. G. Rensink optou por aplicar a técnica *little arrow* na Holanda. Posteriormente, Willem Grootaers, no Japão, passou a utilizar uma escala gradual para representar as diferenças entre os dialetos.

Somente na década de 1980, a Dialetoлогия Perceptual ganhou força com os experimentos de Preston (1989), atualmente um dos principais representantes dessa abordagem. O autor aprimorou a técnica *little arrow* anteriormente utilizada, sendo ainda o responsável pela elaboração de novas técnicas, concebidas a partir de métodos não-linguísticos, o que favoreceu o tratamento estatístico dos dados, bem como a criação de uma cartografia dialetal mais objetiva.

Em síntese, a Dialetoлогия Perceptual consiste em usar a percepção como critério para delimitar áreas dialetais, fazendo com que os próprios informantes apontem semelhanças linguísticas em diferentes áreas geográficas de uma região ou país.

A Dialetoлогия Computacional, assim denominada por Heeringa e Prokić (2018), apareceu explicitamente como capítulo do livro *The Handbook of Dialectology* organizado por Charles Boberg, John Nerbonne e Dominic Watt. Essa vertente busca estudar as variedades linguísticas com base em programas, modelos e técnicas computacionais. Um dos principais modelos é a dialetometria, que estuda os dialetos numa abordagem quantitativa, com foco na métrica, ou seja, medem-se os fenômenos de variação geográfica por meio de procedimentos estatísticos exatos e comparáveis. Nessa Dialetoлогия, é possível incluir também a criação de programas computacionais específicos, tendo como exemplo os programas *GeoLing* (RAZKY; CRUZ, 2014) e o *[fGVCLin]* (ROMANO; SEABRA, 2014), que podem auxiliar no mapeamento linguístico e na quantificação dos dados, resultando em atlas linguísticos interativos e digitais.

A Dialetoлогия Contatual (DC), tratada por Altenhofen (2013) e Altenhofen e Thun (2016), surge dentro do modelo de Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (RADTKE; THUN, 1996), que busca investigar tanto o espaço monodimensional da variação (dimensão diatópica) quanto o espaço pluridimensional (mais de uma dimensão variacional: idade, sexo, escolaridade, profissão, religião, migração, etc.).

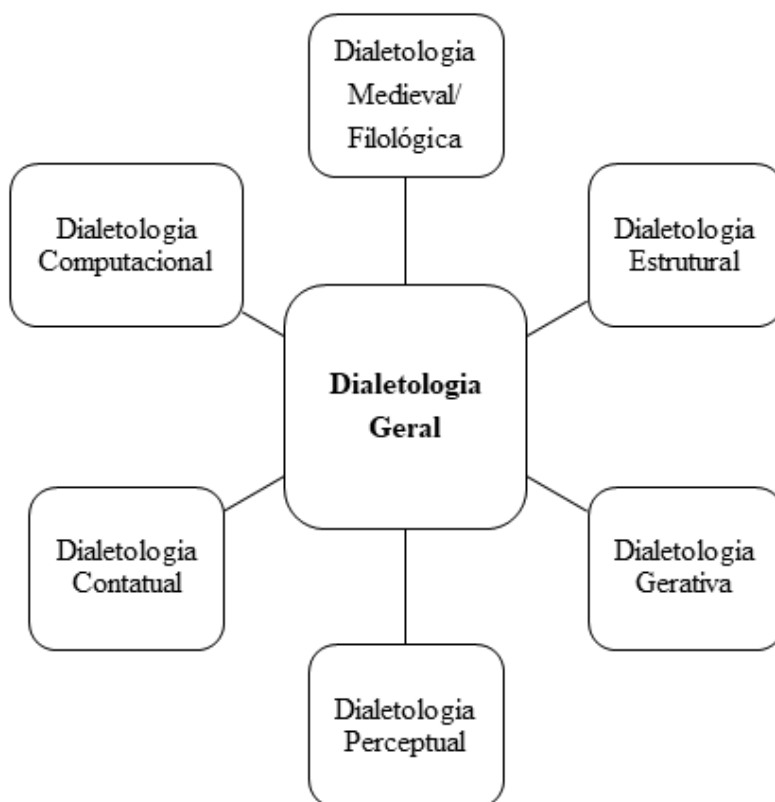
É nesse aspecto pluridimensional que se encontram as dimensões e parâmetros linguísticos/extralinguísticos inseridos na Dialetoлогия Contatual como as dimensões diatópica-cinética, dialingual, e diacontatual, isto é, consideram-se o processo de (i) migração dos informantes, o perfil plurilíngue dos informantes e o contato de línguas. Segundo Altenhofen e Thun (2016), essa perspectiva tende a combinar espacialidade e socialidade, buscando considerar as novas configurações do mundo moderno ou pós-moderno.

⁹ Método da seta (tradução minha).

Na perspectiva da Dialetologia Contatual, o que deve prevalecer é o estudo da variedade falada em/de contato com outras variedades, tanto em contextos monolíngues quanto em contextos plurilíngues, levando em consideração a complexidade das sociedades modernas, no que diz respeito à mobilidade dos falantes, aos possíveis contextos de interação, à variação em espaços *rurbanos*, além da correlação dos fenômenos variacionais com a realidade geográfica, histórica e sociocultural do falante.

Com base no que foi apresentado nesta seção, verifica-se que a “crise da dialetologia”, a que se referem Radtke e Thun (1996)¹⁰, parece ter enfraquecido, já que hoje é possível falar em Dialetologia Geral. Este termo foi usado por Rossi (1967) e também por Montes (1987), porém, com sentido mais restrito, referente ao quantitativo de trabalhos dialetais produzidos. Retoma-se o uso do termo aqui na intenção de apresentar as novas configurações e avanços teóricos e metodológicos da Dialetologia, como sintetiza o esquema abaixo.

Figura 1 – Esquema de Dialetologia Geral



Fonte: Esquema elaborado pelo autor.

¹⁰ Com o surgimento da Sociolinguística, acreditava-se no declínio da Dialetologia como uma disciplina que não se sustentaria por muito tempo, perdendo espaço para a nova disciplina da Linguística.

O esquema apresentado pela Figura 1 ilustra o amadurecimento das discussões dialetológicas, bem como situa os desdobramentos epistemológicos da Dialetologia com foco na variação linguística. A ideia de uma Dialetologia Geral (DG) e suas vertentes implica em ratificar seu status de ciência moderna, capaz de estudar a variação linguística de forma sistemática, em diferentes áreas geográficas, e tendo como base modelos teórico-metodológicos diversificados (Estrutural, Medieval/Filológica, Gerativa, Social, Perceptual, Computacional, Contatual, etc.), resultando em mapeamentos geolinguísticos.

Com base nos avanços da Dialetologia no Brasil, nota-se a existência de um acervo considerável de estudos dialetológicos e geolinguísticos voltados à perspectiva da Dialetologia Social. Em número menor, têm-se estudos sobre Dialetologia Gerativa, como o trabalho de Araújo (2018). Sobre Dialetologia Perceptual constata-se os trabalhos de Ferreira (2009), Amaral (2014) e Lopes (2017); e em Dialetologia Estrutural/Medieval, numa abordagem sobre o latim vulgar, tem-se o trabalho de Jesus (2007).

Em relação à Dialetologia Contatual, como foco na dimensão diatópica-cinética, dialingual e diacontatual, percebe-se forte contribuição do modelo de Dialetologia Pluridimensional e Relacional a novas pesquisas nesse âmbito, sobretudo as realizadas no Brasil em áreas de fronteira, em comunidades de (i)migrantes e em comunidades tradicionais plurilíngues. A seguir, apresentam-se um conjunto de trabalhos dialetais nessa perspectiva pluridimensional e contatual.

4 A dialetologia contatual no Brasil

As mudanças sociais e geográficas ocorridas nos últimos séculos, além de propiciarem o aparecimento de novas perspectivas científicas (linguísticas ou não), possibilitaram que a Dialetologia tradicional experimentasse abordagens (teórica e metodológica) até então desconhecidas. No que diz respeito à Dialetologia Contatual, constatou-se, com base no levantamento bibliográfico de pesquisas geolinguísticas já realizadas ou em andamento, que esta vertente tem se propagado nos programas de pós-graduação do Brasil, principalmente nas regiões Sul e Norte.

As pesquisas inseridas na Dialetologia Contatual, em geral, contemplam em suas bases metodológicas as dimensões *diatópica-cinética* (mobilidade geográfica dos falantes), *dialingual* (falantes bilíngues/plurilíngues) e *diacontatual* (contato entre línguas). Esses estudos estão materializados por meio de teses, dissertações e projetos de atlas linguísticos.

As primeiras pesquisas geolinguísticas, em face de seus aspectos contatuais e de migração, ganharam impulso no Brasil a partir da contribuição de quatro projetos de atlas linguísticos. Três atlas abrangendo a área fronteira e um atlas regional brasileiro. No caso dos três primeiros, encontram-se: o *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU-Norte), o *Atlas Lingüístico Guaraní-Românico* (ALGR) e o *Atlas Lingüístico-Contatual das minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch* (ALMA-H), conhecidos como “trilogia rio-platense” (ALTENHOFEN; THUN, 2017). Já sobre o atlas regional, trata-se do *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS).

Sobre a “trilogia rio-platense”, cada um desses atlas busca verificar um tipo específico de contato linguístico. Por exemplo, o ALMA-H trata do contato entre uma língua minoritária de imigração alemã (hunsriqueano) e as línguas oficiais românicas locais (português e espanhol, respectivamente); o ADDU-Norte visa estudar o contato entre duas línguas oficiais românicas (português e espanhol); e o ALGR contempla o contato entre uma língua minoritária autóctone (guarani) e as línguas oficiais românicas (espanhol e português). Ressalta-se ainda que a base metodológica desses atlas corresponde ao modelo da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (ALTENHOFEN; THUN, 2016).

O *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), projeto idealizado por Walter Koch e colaboradores, na década de 1980, é considerado o primeiro e único atlas brasileiro que contempla toda uma região – neste caso, a Região Sul, formada pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O ALERS teve sua primeira publicação em 2002 e uma segunda edição em 2011. A rede de pontos compreende a zona urbana e rural dos três estados da Região Sul, totalizando 294 localidades, onde foram entrevistados um homem e uma mulher, analfabetos ou de pouca escolaridade.

Vale ressaltar que a informante do sexo feminino não se constituía a informante principal. A princípio, o ALERS parece não caracterizar nenhum aspecto referente a um atlas contatual, contudo, traz em sua metodologia uma orientação dialingual:

[...] na medida em que distingue o português falado pela população rural menos escolarizada de localidades monolíngues e bilíngues, com presença, sobretudo, de falantes de alemão, italiano e polonês, onde se configura um português de contato (ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 371).

Esses quatro atlas linguísticos são um marco na história da Dialetoлогия latino-americana, por acrescentarem à Geolinguística dimensões até então não exploradas pela Dialetoлогия moderna. São traços que correspondem à dinâmica social e geográfica das

sociedades contemporâneas e que exploram variedades faladas para além da área rural, como as áreas urbanas, de fronteiras, indígenas, quilombolas e de migração. Em suma, essas áreas de/em contato caracterizam o espaço pluridimensional da variação linguística.

A seguir, apresenta-se um conjunto de estudos geolinguísticos que exploram em sua base metodológica aspectos da Dialectologia Contatual. O quadro abaixo mostra o título do trabalho, a variedade linguística estudada, a natureza, o autor e o ano de defesa/publicação (ou se ainda está em andamento).

Quadro 1 – Pesquisas em Dialectologia Contatual

Título	Variedades	Natureza	Autor	Ano
A variação do português em contato com o Italiano na comunidade bilíngue de São Marcos – RS	português - italiano	Dissertação	Letícia Cao Ponso	2003
Difusão Sócio-geográfica do Português em contato com o Italiano no Sul do Brasil	português - italiano	Tese	Felício Wessling Margotti	2004
Atlas Linguístico do município de Ponta Porã – MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai	português - espanhol - guarani	Dissertação	Regiane Coelho Pereira Reis	2006
Vitalidade linguística do Plautdietsch em contato com variedades standard faladas em comunidades menonitas no Brasil	alemão - português - inglês	Tese	Elvine Siemens Dück,	2011
Variação Linguística do Português em contato com o Espanhol e o Guaraní na perspectiva do Atlas Linguístico-Contatual da fronteira entre o Brasil e o Paraguai	português - espanhol - guarani	Tese	Regiane Coelho Pereira Reis	2013
“Tu dampém fala assim?”: macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues Hunsriqueano-Português	português - hunsriqueano	Tese	Sabrina Gewehr-Borella	2014
Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari	português - alemão	Dissertação	Aline Horst	2014
O Português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai	português - espanhol - guarani	Tese	Valeska Gracioso Carlos	2015
Standard e substandard do Alemão em contato com o Português: variação na competência de fala em Hochdeutsch de falantes de Hunsrückisch	hunsriqueano - português - espanhol	Dissertação	Lucas Löff Machado	2016

Perfil geossociolinguístico do Português em contato com línguas Tupi-Guarani em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão	português com línguas indígenas tupi-guarani	Tese	Regis José da Cunha Guedes	2017
Mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no Estado do Amapá: uma abordagem geossociolinguística	português - wajãpi	Dissertação	Maria Doraci Guedes Rodrigues	2017
Estudo geossociolinguístico do léxico do Português falado em áreas indígenas de Língua Tupi-Guarani nos Estados do Pará e Maranhão	português com línguas indígenas tupi-guarani	Tese	Eliane Oliveira da Costa	2018
Estudo geossociolinguístico do português em contato com as línguas Asuriní do Xingu e Araweté	português com línguas indígenas asuriní do Xingu - araweté	Dissertação	Fábio Luidy de Oliveira Alves	2018
Estudo geossociolinguístico do léxico do Português falado pelos Baré (Nheengatu), Tukano e Baniwa em São Gabriel da Cachoeira (AM)	Português com línguas indígenas - baré - tukano - baniwa	Tese	Maria Ivanete de Santana Félix	2019
Microatlas Linguístico (português-kheuól) da área indígena dos Karipuna do Amapá	português - kheuól	Tese	Romário Duarte Sanches	2020
Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata	português - alemão	Atlas	Cléo Altenhofen e Harald Thun	Andamento
Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil (ASLIB)	línguas da família Tupi-Guarani	Atlas	Ana Suelly Arruda Câmara Cabra e outros	Andamento
Atlas Linguístico do Português falado em Área Indígena	português de contato com línguas da família Tupi-Guarani	Atlas	Abdelhak Razky e outros	Andamento

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme o Quadro 1 nota-se que os trabalhos se iniciam a partir dos anos 2000 e continuam até os dias atuais. Como forma de confirmar as características da Dialectologia Contatual presentes nesses estudos, serão apresentados, a seguir, um breve resumo do que foi pesquisado e uma amostra do resultado alcançado. Nesse sentido, foram selecionadas quatro teses de doutorado (MARGOTTI, 2004; REIS, 2013; GUEDES, 2017; SANCHES, 2020) e três macroprojetos de atlas linguísticos em andamento (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata* - ALMA, *Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil* - ASLIB e *Atlas Linguístico do Português falado em Área Indígena* - ALiPAI).

A Tese de Margotti (2004), intitulada “Difusão Sócio-geográfica do Português em contato com o Italiano no Sul do Brasil”, buscou estudar a dinâmica do português no espaço pluridimensional de contato com o italiano em oito localidades dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. O autor seguiu a orientação da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional. Como resultado da pesquisa, Margotti (2004) evidenciou a ocorrência de variação no modo e na intensidade correspondente à difusão de traços associados ao português, sendo possível notar uma difusão mais intensa nas localidades de Orleans (SC) e Caxias do Sul (RS). Ele constatou também que há uma maior resistência à inovação linguística na cidade de Rodeio (SC) e Sananduva (RS). Sobre as dimensões de idade, de sexo e de escolaridade, há certa tendência ao uso de variantes sem interferência do italiano, especialmente na fala de informantes urbanos, jovens e escolarizados.

A Tese de Reis (2013), intitulada “Variação Linguística do Português em Contato com o Espanhol e o Guaraní na Perspectiva do Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira entre o Brasil e o Paraguai”, objetivou descrever a variação do português em contato com o espanhol e o guaraní. Para isso, a autora investigou 10 localidades fronteiriças (entre Brasil e Paraguai), utilizando os procedimentos metodológicos da Dialetoлогия e da Geolinguística Pluridimensional, controlando as dimensões diatópica, dialingual, diage-racional e diassexual. A Tese está dividida em dois volumes: o primeiro contempla a base teórico-metodológica e a apresentação dos resultados; o segundo diz respeito ao conjunto de mapas linguísticos que resultou em um atlas linguístico-contatual, mostrando a interinfluência das variedades em foco.

A Tese de Guedes (2017), intitulada “Perfil geossociolinguístico do Português em contato com línguas Tupí-guaraní em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão”, buscou mapear o perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas pertencentes à família Tupi-Guarani (Suruí Aikewára, Asuriní do Tocantins, Tembê, Guajajara e Guaraní Mbyá), em áreas indígenas dos estados do Pará e do Maranhão. O autor adotou a Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional, controlando variáveis como: sexo, faixa etária e escolaridade. O trabalho resultou no levantamento do perfil sociolinguístico dos indígenas e apresentou também cartas sobre variação fonética, mostrando que o português falado pelos indígenas é influenciado pelas variedades da família Tupi-Guarani, principalmente na fala de informantes mais velhos.

A Tese de Sanches (2020), intitulada “Microatlas Linguístico (português-kheuól) da área indígena dos Karipuna do Amapá”, objetivou a elaboração de um atlas contatual em área indígena e de fronteira (Brasil-Guiana Francesa), investigando a variação lexi-

cal do português e do kheuól, variedade crioula de base francesa falada pelos Karipuna. O autor também adotou o modelo de Dialetologia Pluridimensional, contemplando as dimensões: diatópica, diassexual, diageracional e dialingual. A Tese resultou em dois volumes, o primeiro com as bases teórico-metodológicas e o segundo em um microatlas linguístico com 106 mapas lexicais, mostrando a interinfluência do português e do kheuól.

Para encerrar o levantamento de trabalhos que adotam a perspectiva da Dialetologia Contatual, têm-se três macroprojetos em andamento, que marcam os novos rumos da Dialetologia no Brasil. São eles: o *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch* (ALMA-H), o *Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil* (ASLIB) e o *Atlas Linguístico do Português falado em Área Indígena* (ALiPAI).

O ALMA-H, coordenado pelos professores Cléo Altenhofen (UFRGS) e Harald Thun (Universität de Kiel), vem sendo desenvolvido por meio da cooperação entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Brasil, e a Universidade de Kiel, na Alemanha, tendo como objetivo a criação de um banco de dados etnolinguísticos da variedade hunsriqueano em contato com o português e o espanhol. Para execução do ALMA-H, foram selecionadas 41 localidades na Bacia do Prata, abrangendo o Paraguai, a Argentina e, principalmente, cidades do Sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná). O projeto segue o modelo da Dialetologia Pluridimensional e Contatual, controlando nove dimensões (diatópica, diatópico-cinética, diastrática, diageracional, diassexual, dialingual, diafásica, diarreferencial, diarreligioso).

O ASLIB, por sua vez, tem como coordenadora geral a professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (Universidade de Brasília). O projeto conta com a colaboração de pesquisadores de várias universidades brasileiras, principalmente vinculados à Universidade Federal do Pará (UFPA), tendo o professor Abdelhak Razky como vice-coordenador. De acordo com Cabral et al. (2015), o projeto assume como pressuposto metodológico a Dialetologia Pluridimensional, responsável pelo controle das dimensões diatópicas, diagenéricas, diageracionais, diastráticas, diafásicas e diarreferenciais. O projeto também explora um parâmetro novo, o genético ou tipológico, e conta com a utilização do *Questionário Fonético-Fonológico* (QFF) do Projeto ALiB, adaptado. Os informantes da pesquisa foram divididos socioculturalmente (bilíngues, faixa etária, sexo e escolaridade – esta última se possível) em diferentes áreas indígenas brasileiras pertencentes à família linguística Tupi-Guarani. Inicialmente, foram selecionadas as seguintes línguas indígenas: Tembé e Guajajára, Asuriní do Tocantins, Suruí do Tocantins, Tuparí, Xokleng, Awetí e Kaxinawá, futuramente outras línguas poderão ser incluídas.

O ALiPAI, coordenado pelo professor Abdelhak Razky (UFPA/UnB), deriva do Projeto ASLIB. O objetivo desse projeto consiste em mapear e descrever a variação fonético-lexical do português falado em áreas indígenas nos estados do Pará e do Maranhão. Nesse sentido, a rede de pontos considera as línguas indígenas definidas no plano de pesquisa do ASLIB. Os informantes devem ser qualificados como nativos da localidade, sendo falantes de português e da língua indígena. Para coleta dos dados, o projeto utiliza os questionários do Projeto ALiB, *Questionário Fonético-Fonológico (QFF)* e *Semântico-Lexical (QSL)*.

Esses três macroprojetos e os diversos trabalhos contatuais mencionados aqui¹¹ comprovam os novos rumos que a Dialetoлогия vem traçando no Brasil, principalmente na perspectiva da Dialetoлогия Contatual, levando em consideração a mobilidade dos falantes, as línguas/variedades faladas por eles, além do contexto sócio-histórico relacionado ao contato entre línguas que as comunidades pesquisadas se inserem. Nota-se, em função desta síntese, a forte presença do modelo de Dialetoлогия Pluridimensional e Contatual nas bases metodológicas de inúmeros trabalhos/projetos. Alguns, expressamente marcados pela macroanálise da variação, outros contendo, de forma inicial, características de uma Dialetoлогия Contatual.

Considerações finais

A partir das discussões levantadas neste artigo, é importante lembrar que não se está propondo uma nova ciência, mas sim buscando situar teórica e metodologicamente os rumos que a Dialetoлогия Geral (DG) vem alcançando nessas últimas décadas, sobretudo através da Dialetoлогия Contatual no Brasil. Tampouco é possível esgotar o tema no espaço que este artigo permite.

O objetivo foi, antes de tudo, apresentar, previamente, como a Dialetoлогия conseguiu desenvolver novas abordagens teóricas e metodológicas, algumas com sucesso, outras, nem tanto. De qualquer modo, ela tem sido aprimorada, e isso não se restringe ao uso do método geolinguístico, mas ao olhar interdisciplinar dado pelo pesquisador às variedades complexas que, por vezes, parecem inexplicáveis.

O contexto plurilíngue e as novas configurações geográficas e sociais do Brasil, de certo modo, vêm contribuindo e influenciando a formação de uma Dialetoлогия genuinamente moderna, que busca acompanhar as mudanças sociolinguísticas e socioculturais dos falantes.

¹¹ É importante ressaltar que há outros trabalhos nessa perspectiva contatual, subsidiados a partir do Projeto ALMA-H e que podem ser consultados acessando os links a seguir: <https://www.ufrgs.br/projalma/bibliografia/tesesedissertacoes/> https://cdea.tche.br/clealtenhofen/?page_id=2307

No Brasil, as pesquisas dialetológicas estão concentradas na perspectiva social, ora geradas pelo clima harmonioso, até certo ponto, entre sociolinguistas e dialetólogos, ora pela necessidade de responder às diversas críticas lançadas contra a Dialetologia tradicional. Além da vertente social, há também trabalhos de cunho Estrutural, Medieval/Filológica, Gerativa, Perceptual, Computacional e Contatual. Na intenção de confirmar a presença desta última vertente no Brasil, foram apresentados trabalhos que trazem, em seus aparatos teórico-metodológicos, pressupostos da Dialetologia Contatual.

Por fim, este artigo também responde às falácias de que a Dialetologia estaria em decadência, mostrando que isso nunca se sustentou, tampouco a de que seu método e área de investigação são limitados. O que confirmamos aqui são as constantes transformações epistemológicas da área e o quanto ela tem avançado na tentativa de explicar e interpretar a complexidade das variedades linguísticas e, conseqüentemente, das variações linguísticas.

Referências

- AGUILERA, V. *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.
- ALMEIDA, F. C. *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ): uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses*. 2008. 157 p. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- ALTENHOFEN, C. et al. (Org.). *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*. Cartas Semântico-Lexicais. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- ALTENHOFEN, C. V. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. *Revista de Letras, Sinop*, n. 12, v. 6, 2013.
- ALTENHOFEN, C. V.; THUN, H. As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do Sul do Brasil Bacia do Prata. In: AGUILERA, V.de A.; ROMANO, V. P. *A Geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: Eduel, 2016, p. 371-392.
- ALVES, F. L. de O. *Estudo geossociolinguístico do português em contato com as línguas Asuriní do Xingu e Araweté*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, 2018.
- AMARAL, M. P. do. *Dialetologia perceptual: mapas mentais no sul do Brasil*. Anais do

XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL). João Pessoa, 2014.

ARAGÃO, M. S.; MENEZES, C. B. *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília: CNPq, Universidade Federal da Paraíba, 1984.

ARAÚJO, R. C. Gramática gerativa e dialetologia: dos princípios e parâmetros aos atlas sintáticos. In: CARVALHO, D. da S.; SOUSA, L. T. *Gramática gerativa em perspectiva*. São Paulo: Blucher, 2018.

CABRAL, A. S. A. C. et al. *L' Atlas linguistique sonore des langues indigènes du Brésil: um projet em cours*. *Géolinguistique*, Grenoble, n. 15, p. 215-227, 2015.

CARDOSO, S. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, S; MOTA, J. Percursos da geolinguística no Brasil. *ALFAL*, v. 29, n. 1. jun., 2013, p. 115-142.

CARLOS, V. G. O. *Português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai*. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2015.

COSERIU, E. A geografia linguística. In: COSERIU, E. *El hombre y su lenguaje*. Tradução de Carlos A. da Fonseca; Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1987. p. 79-117.

CASTILHO, A. T. de. Rumos da dialetologia portuguesa. *Revista Alfa*. São Paulo. v. 18/19, p. 115-153, 1972/1973.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *La Dialectología*. Madrid: Visor Libros, 1994.

COSTA, E. O. da. *Estudo geossociolinguístico do léxico do português falado em áreas indígenas de língua Tupi-Guarani nos estados do Pará e Maranhão*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará, 2018.

CRUZ, M.L.C. *Atlas Linguístico do Amazonas*. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004, v. I e II.

DE CAMP, D. *The pronunciation of english in San Francisco*. Orbis, 1958.

DIETRICH, W.; THUN, H.; SYMEONIDIS, H.; AQUINO, A. Atlas Linguístico Guaraní-Románico. Tomo 1: Léxico del cuerpo humano (Dialectología pluridimensionalis Románica). *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana* v. 8, Miscelánea de lingüística ibero-americana, 2010, p. 239-242.

DÜCK, E. S. *Vitalidade linguística do Plautdietsch em contato com variedades standard faladas em comunidades menonitas no Brasil*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

FÉLIX, M. I. de S. *Estudo geossociolinguístico do léxico do Português falado pelos Baré (Nheengatu), Tukano e Baniwa em São Gabriel da Cachoeira (AM)*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará, 2019.

FERREIRA, C. et al. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, C. S.S. Percepções dialectais e atitudes linguísticas: o método da dialectologia perceptual e as suas potencialidades. Textos Seleccionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, p. 251-263, 2009.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FISIAK, J. (Ed.). *Dialectologia Medieval*. New York: De Gruyter Mouton, 1995.

GARCÍA DE DIEGO, V. *Manual de dialectología española*. 3. ed. Madrid: Centro Iberoamericano de Cooperación, 1978 [1926].

GEWEHR-BORELLA, S. *Tu dampém fala assim? macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e desonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues Hunsriqueano-Português*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

GUEDES, R. J. da C. *Perfil geossociolinguístico do Português em contato com línguas Tupí-guaraní em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará (UFPA), 2017.

HEERINGA, W.; PROKIĆ, J. Computational Dialectology. In: BOBERG, C.; NERBONNE, J. WATT, D. (Eds.). *The Handbook of Dialectology*. Oxford: Wiley Blackwell, 2018. (p. 330-347).

HORST, A. *Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

JESUS, C. R. R. de. Para uma abordagem dialetológica “estruturalista” do latim vulgar: Vänäänen e o método comparatista. *Estudos da Língua(gem)*, v. 5, p. 41-55, 2007.

KARLBERG, L. G. L. *Atlas etnolinguístico do Acre (ALAC): fronteiras léxicas*. Rio Branco: Edufac, 2018.

KOCH, W.; ALTENHOFEN, C.; KLASSMANN, M. (Org.). *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*: vol. 1 Introdução. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

KOCH, W.; ALTENHOFEN, C.; KLASSMANN, M. (Org.). *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*: vol. 2. Cartas Fonéticas e Morfossintáticas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

LAING, M.; LASS, R. Introduction. In: LAING, M. *A Linguistic Atlas of Early Middle English: 1150 - 1325*. Version 3.2. Disponível em: <http://www.lel.ed.ac.uk/ihd/laeme2/laeme2.html>. Acesso em: 01 de jul. 2020.

LOPES, J. B. *Variação, percepções e atitudes linguística dos chapecoenses frente à referência à segunda pessoa do singular*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Estudos Linguísticos. Chapecó – SC, 2017.

MACHADO, L. L. *Standard e substandard do Alemão em contato com o Português: variação na competência de fala em Hochdeutsch de falantes de Hunsrückisch*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

MARGOTTI, F. W. *Difusão Socio-geográfica do Português em contato com o Italiano no Sul do Brasil*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

MENÉNDEZ, F. G. *Dialectología y sociolingüística españolas*. Alicante: Espagrac, 1990.

MILANI, S. E.; REZENDE, T. F.; CRUZ, A. da; SILVA, D. M. da. *Atlas Linguístico de Goiás (ALINGO)*: léxico-fonético. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2015.

MONTES GIRALDO, J. J. *Dialectología general e hispano-americana*. 2. ed. Bogotá: ICC, 1987.

MOTA, J. A. Análises do corpus do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): balanço do estágio atual. In: MOTA, J. A et al. *Documentos 5: projeto Atlas Linguístico do Brasil, avaliação e perspectivas*. Salvador: Quarteto, 2015, p. 23-70.

MOTA, J.; CARDOSO, S. Sobre a Dialetoлогия no Brasil. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-34.

NASCENTES, A. Études dialectologique du Brésil, ORBIS. *Bulletin International de Documentation Linguistique*. v.1, p. 181-184, 1952.

OLIVEIRA, D. (Org.). *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

PAIM, M. M. T. A presença do Projeto ALiB nos estudos sobre a língua portuguesa. In: CARDOSO, S. et al. *Documentos 3: projeto atlas linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2012, p. 33-76.

PONSO, L. C. A. *variação do português em contato com o Italiano na comunidade bilíngue de São Marcos – RS*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

PRESTON, D. R. (Ed.). *Handbook of Perceptual Dialectology 1*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999.

PRESTON, D. R. *Perceptual Dialectology*. Nonlinguists Views of Areal Linguistics. Dordrecht/ Providence: Foris Publications, 1989.

PRESTON, D. R.; LONG, D. (Ed.). *Handbook of Perceptual Dialectology 2*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002.

RADTKE, E; THUN, H. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RAZKY, A. *Atlas linguístico sonoro do estado do Pará (ALiSPA 1.1)*. Belém: [s. n.]. 2004. (Programa em CD-ROM).

RAZKY, A. Pour une approche géo-sociolinguistique de la variation phonétique. *Lenguaje* (Universidad del Valle), v. 32, 2010, p. 313-330.

RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. da R.; SANCHES, R. *Atlas Linguístico do Amapá*. São Paulo: Labrador, 2017.

RAZKY, A; CRUZ, R. Mapeamento dos dados linguísticos no programa Atlas Linguístico Digital (GeoLing). In: *Anais do III Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística*. Paraná: UEL, 2014, p. 700-711.

REIS, R. C. P. *Atlas Linguístico do município de Ponta-Porã-MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai*. 2. v. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, 2006.

REIS, R. C. P. *Variação Linguística do Português em Contato com o Espanhol e o Guaraní na Perspectiva do Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Londrina, 2013.

RODRIGUES, M. D. G. *Mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no Estado do Amapá: uma abordagem geossociolinguística*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, 2017.

ROMANO, V. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. *Entretextos*. Londrina, v.13, n. 02, p. 203-242, jul./dez. 2013.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] - Software para geração e visualização de cartas linguísticas. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 22, n.1, p.119-151, 2014.

ROSSI, N. et al. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional do Livro: Rio de Janeiro, 1963.

ROSSI, N. A dialectologia. *Revista Alfa*. São Paulo. v.11, p. 90-115, 1967.

SÁ, E. J. de. *Atlas Linguístico de Pernambuco*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SANCHES, R. D. *Microatlas linguístico (português-kheuól) da área indígena dos Karipuna do Amapá*. Tese (Doutorado). Belém-PA: Universidade Federal do Pará (Programação de Pós-Graduação em Letras), 2020.

SANTOS, I. P. dos; CRISTIANINI, A. C. (Org.). *Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises*. 1. ed. São Paulo: Paulistana, 2012.

SIVERTSEN, E. *Cockney Phonology*. Oslo: Oslo University Press, 1960.

THUN, H. La geolinguística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: RUFFINO, G. (org.). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729.

THUN, H.; FORTE, C. E.; ELIZAINCÍN, A. *El Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)*. Presentación de un proyecto. *Iberoromania*, 30: 26-61, 1989.

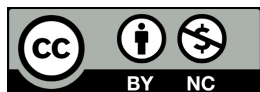
TRUBETZKOY, N. S. *Phonologie et géographie linguistique*. Prague: TCLP, 1931.

VENY, J. *Dialectologia filológica: textos e estudis de cultura catalana*. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 1993.

VIERECK, W. *Phonematische analyse des dialekts von Gateshead-upon-Tyne*. De Gruyter, 1966.

WEINREICH, U. *Is a structural Dialectology Possible?* Word, X, 1954, p. 388-400.

ZÁGARI, M. et al. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.



Data de submissão: 03/07/2020

Data de aceite: 10/08/2020